

O FILHO PRÓDIGO

Foi na extrema hora da partida,
Pedi-me a benção,
Abençoei dizendo:

“Segue, meu filho, vai por esta vida,
vai pelo mundo que tu achas lindo.
Pela áurea estrada esplêndida
E florida da tua exuberante mocidade.”

Ele saiu dali, partiu sorrindo
e eu, um beijo último, atirei-lhe
envolto em uma lágrima de saudade.

Partiu sorrindo pela estrada a fora,
a rir feliz como um aventureiro.
Tendo na frente as irradiações da aurora
e os sonhos triunfais do mundo inteiro.

“Anda! Sê forte!
Evita os mil perigos.
Pela gratidão jamais esperes.
Não creia na lisonja dos amigos.
Não confie no sorriso da mulheres.”
Ele saiu dali, partiu sorrindo,
tendo na frente o albor dos rosicleres.

Anos volveram.
Perpassaram-se dias.
As minhas pobres barbas branqueceram-se
E nem uma palavra alentadora
daquele pobre filho que se fora.

Até que por manhã de claro estio,
pelo claro da lisa e larga estrada,
surge um mendigo, receoso e esguio,
com os pés em sangue e a roupa lacerada.

Caminha devagar e lento e lento...
Vem, pouco a pouco, se arrastando à porta.
Triste nênia de luto entoa o vento
e a própria natureza é quase morta.
Vem mais se aproximando o forasteiro
já quase frente a frente, rosto a rosto.
Quem será esse moço assaz trigueiro
que encarna a própria imagem do desgosto?
E o mendigo com voz entrecortada,
olhando para trás, olhando a estrada,
que ficava dali meio distante,
num gesto contristado e claudicante
vai dizendo entre lágrimas banhado.

“Eu sou aquele miserável moço,
de olhar radiante e de sonhar tão lindo.
Que, há dez anos, daqui partiu sonhando,
que, há dez anos, daqui partiu sorrindo.
Pai! Eu sou aquele filho miserando.
Que um dia, se partiu daqui sorrindo,
agora, volta como vês: chorando.”